



Rádio no interior de São Paulo: uma análise dos gêneros jornalísticos praticados por uma emissora comercial e uma educativa¹

Tainá Elena GONÇALVES²
Vanessa Matos dos SANTOS³

Universidade Sagrado Coração - Bauru, SP

Resumo

O rádio é um meio de comunicação de fundamental importância principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, que ainda tem grandes índices de analfabetismo e exclusão digital. Mesmo diante do avanço tecnológico e do crescimento da utilização da internet, o rádio não se tornou um meio ultrapassado, pois garantiu novos perfis, usando ferramentas de interatividade, entretenimento e novas formas de linguagens. Entre esses novos perfis, cabe ressaltar a classificação das rádios entre educativas, comerciais e comunitárias. Uma rádio comunitária não tem fins comerciais e tem por objetivo principal atender pequenas comunidades para fazer com que elas se unam e se fortifiquem. A rádio educativa destina-se a atender exclusivamente entidades dos setores da educação e cultura e, por isso, na maior parte das vezes, estão ligadas a universidades e também não tem fins comerciais. Sua programação é baseada em programas culturais que visam levar conhecimento aos seus ouvintes. Em contrapartida, a rádio comercial é privada. Sua programação é repleta de anúncios, músicas, programas humorísticos e informação de modo geral. Seu objetivo é promover as empresas patrocinadoras e levar informação e entretenimento aos ouvintes, oferecendo brindes e fazendo promoções para interagir com eles. O presente artigo propõe fazer uma análise comparativa entre uma rádio educativa (Veritas FM) e uma rádio comercial (94 FM). Foram analisados dois programas jornalísticos de cada emissora, visando compreender os gêneros jornalísticos veiculados nos radiojornais de sua programação.

Palavras-chave: Jornalismo radiofônico; Gêneros jornalísticos; Emissoras educativas; Emissoras comerciais.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 02 a 06 de setembro de 2011.

² Estudante de Graduação. Curso de Jornalismo da USC-SP. E-mail: jornalista.tay@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da USC-SP. E-mail: vanmatos.santos@gmail.com



Introdução

O rádio foi o meio de comunicação de maior prestígio até a década de 60, oferecendo a oportunidade de seus ouvintes participarem dos programas, dando sugestões e pedindo músicas. O rádio trouxe uma proposta inovadora de interatividade com o seu público. Desta forma, tornou-se o principal meio de informação da época.

Atualmente um dos objetivos dos meios de comunicação é fazer com que seu público interaja com o interlocutor e o rádio pode ser considerado o meio precursor desta ferramenta de *feedback* instantâneo. Mas, mesmo o rádio já trazendo essa peculiaridade desde seu princípio, o seu panorama atual é muito diferente daquele de vinte, trinta anos atrás, principalmente quando falamos em inclusão digital.

Com o avanço tecnológico e das relações interpessoais as empresas noticiosas passaram por uma grande transformação. O rádio conseqüentemente teve que acompanhar e se adaptar a essas novas maneiras de comunicar.

Hoje, as emissoras estão fazendo uma série de mudanças estratégicas para atender aos anseios do público, no intuito de manter o prestígio desse meio de comunicação que está presente segundo o Ibope em 99% dos lares brasileiros e em 83% dos automóveis que circulam no país. Diante desse desafio, muitas pesquisas foram realizadas, analisando os perfis dos ouvintes e fazendo algumas segmentações.

Desta forma nasceram várias emissoras partindo do princípio da pluralidade cultural existente no Brasil. Nota-se que, atualmente, qualquer pessoa que busque uma emissora com a qual se identifique, a encontrará, basta localizar uma que se encaixe ao seu perfil. A partir da segmentação das emissoras radiofônicas em educativas, comerciais e comunitárias, descobriu-se que há pelo menos uma emissora adequada para cada tipo de público, gosto musical e faixa etária. As emissoras apostaram nesta arma, focando seu conteúdo em seu público alvo que rapidamente se tornou fiel.

A análise comparativa proposta neste trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa exploratória, usada para nos auxiliar nas percepções e entendimento sobre os gêneros jornalísticos, praticados em uma emissora radiofônica educativa e uma emissora comercial. Também fizemos um levantamento bibliográfico visando adquirir conhecimento teórico para abordar determinadas questões com maior profundidade.



Analisando os gêneros e formatos jornalísticos

Buscando aprofundar o conhecimento que envolve o processo de estruturação do conteúdo jornalístico, os estudos sobre gêneros e formatos visam separar os estilos textuais, embasando-se em novos conceitos e funções. Esses novos conceitos deixaram de focar somente os personagens principais do processo, como o emissor, receptor e mensagem, para dar mais importância ao tema e ao cenário.

Desta forma, os veículos de comunicação trabalham em função das informações que chegam com um formato desapropriado ao que deve ser oferecido ao público. O grande objetivo dos jornalistas é adaptar esse material recebido aos padrões da sua audiência e buscando, através dos artifícios linguísticos, expor os acontecimentos de forma compreensível e interessante.

Apesar de que possam existir diversas comunidades interpretativas em uma cultura, os meios costumam se aproximar da interpretação hegemônica, ou, pelo menos, da interpretação facilmente consensual. (ALSINA, 2009, p.271).

Estabelecendo um horizonte junto à afirmação de Alsina (2009), o consensual e a simplificação do texto jornalístico acabou fazendo com que o jornalista criasse uma identidade, adaptando-se a um perfil ou seja a um determinado gênero e formato. Bonini (2003) define gênero como um conteúdo dinâmico que corresponde a um perfil já pré-determinado, que se caracteriza pelas estruturas texto-linguísticas, enunciativas e funcionais ao meio social.

Esses gêneros, a grosso modo, podem ser especificados como: informativo, que é a notícia, reportagem ou história de interesse humano, que tem a função de informar. O gênero opinativo pode ser representado pelos editoriais, artigos e crônicas, em que o jornalista tem a liberdade de defender seu ponto de vista. Já o gênero interpretativo, por sua vez, permite uma abordagem mais completa e detalhada sobre o assunto, entendendo os porquês e analisando as causas e consequências.

A escolha entre os gêneros jornalísticos adapta o texto a uma linguagem apropriada para chegar ao objetivo da matéria, seja aprofundar, opinar ou entreter, oferecendo reflexões e análises, muitas vezes de forma pronta ao seu público. Essa área de conhecimento revela interesse de estudos e pesquisas desde que surgiu uma preocupação acadêmica, sugerindo que esses gêneros fossem usados nas atividades de produção textual e interpretação. Diante do ensino da linguagem e formação de



professores, essa preocupação motivou pesquisadores a estudar tais gêneros e construir metodologias de aprendizagem.

Em termos gerais, os manuais de ensino de jornalismo citados por Bonini (2003) como Amaral (1878 *apud* Bonini, 2003) e (1982 *apud* Bonini, 2003); Erbolato (1978 *apud* Bonini, 2003); Sodré e Ferrari (1986 *apud* Bonini, 2003) são construídos como uma espécie de estratégias e dicas. Nesse sentido, procurando privilegiar mais os procedimentos práticos do que o debate acadêmico, esses manuais (datados em um passado relativamente distante) tratam os gêneros como parte da técnica jornalística. (BONINI, 2003).

Diante de autores importantes como esses citados por Bonini (2003), cabe destacar que os estudos sobre gêneros já estavam sendo aplicados, na prática, como ferramenta jornalística. Porém, de maneira acadêmica, eles ainda geram muitas discussões e controvérsias no quesito classificação. Sendo assim, cabe enfatizar o contexto histórico sobre essa área de estudos que se desenvolveu aos poucos, devido ao fortalecimento da comunicação e expansão do jornalismo (COSTA, s.a.)

Costa (s.a) explica que Bakhtin foi um dos precursores sobre os estudos das interpretações lingüísticas que ganharam força juntamente com o conhecimento sociocultural. Sobre suas pesquisas, cabe enfatizar a teoria translingüística, que afirmava algumas noções de gêneros do discurso. Silveira (2005) observa que todo o conhecimento desenvolvido por Bakhtin colaborou diretamente aos estudos de gêneros e formatos jornalísticos até a atualidade. O autor complementa afirmando que a obra de Bakhtin ofereceu um embasamento no qual os pesquisadores passaram a enxergar o texto não só como um conjunto de palavras e sim analisando a sua mensagem com profundidade. Ou seja, quando se faz uma análise profunda em um texto, é preciso entender e esmiuçar suas informações, até porque a ideologia permanece escondida atrás das palavras, muitas vezes sendo um relato falso da realidade.

Esta temática se tornou um assunto polêmico devido aos problemas na identificação e classificação de gêneros jornalísticos em meios de comunicação que estavam cada vez mais ricos em tecnologia e em estilos de linguagem. Mas, apesar da colaboração realizada por Bakhtin aos estudos dos gêneros textuais, Bonini (2003 *apud* COSTA, s.a.) discorda em alguns aspectos da teoria bakhtiniana. O autor enfatiza que o gênero e enunciado não são em tudo a mesma coisa apesar de manterem certas semelhanças. A literatura e o jornalismo caminharam juntos durante muito tempo, tendo práticas textuais muito semelhantes, e essa se tornou a grande preocupação dos



estudiosos sobre o assunto: estabelecer uma distinção entre a literatura e os gêneros jornalísticos.

Parrat (2001 *apud* COSTA, s.a.) evidencia que esta preocupação não surgiu exatamente para desvincular o jornalismo da literatura e sim como uma nova técnica de análise de todas as mensagens que apareciam na imprensa. No Brasil, autores como Beltrão (1980 *apud* COSTA, s.a), Melo (2003 *apud* COSTA, s.a) e Chaparro (199 *apud* COSTA, s.a) desenvolveram uma vasta colaboração em pesquisas sobre os gêneros. (COSTA, s.a.)

Chaparro (1998) fez uma análise, desenvolvendo questionamentos e críticas sobre os trabalhos realizados anteriormente por outros autores. Propôs uma classificação de gêneros mais detalhada, devido à reformulação do conteúdo midiático. O autor questiona principalmente algumas características da classificação feita por Melo (2003).

De modo geral, Chaparro (1998) afirma que os gêneros não podem ser classificados a partir do que aconteceu e sim pelo o que esta para acontecer. Ele fez uma releitura extremamente crítica das conclusões expostas por Melo (2003 *apud* COSTA, s.a), embasando-se na idéia de que o fazer jornalístico está envolvido em todos os processos e razões sociais. De acordo com Chaparro (1998), a informação e a opinião caminham juntas, não sendo então critérios para classificação das formas discursivas.

Beltrão (1980) cita em sua obra gêneros clássicos, que se tornaram fixos, e já são aplicados como técnica jornalística. Um dos principais, em sua opinião, é o informativo, em que prevalecem as notícias, reportagens, histórias e informações visuais. O segundo gênero citado pelo autor foi o interpretativo que pode ser exemplificado através de reportagens aprofundadas. Para Melo (2003), o gênero informativo também pode ser aplicado em notas e entrevistas e o opinativo pode concretizar-se através de editoriais.

Para dar um pouco mais de textura ao assunto e não torná-lo tão indefinido, é importante especificar alguns gêneros que já se tornaram fixos e que são comumente citados. Esses gêneros se concretizaram diante das teorias de vários autores e passaram a ser ensinados como técnica jornalística, como por exemplo, a notícia, a reportagem, a entrevista e o editorial. Bonini (2003 *apud* COSTA, s.a.) comenta que esse aspecto indefinido dos gêneros do jornal, contudo, é revelado nos textos quando esses manuais tomam a notícia e a reportagem com o mesmo gênero ou uma pela outra.

Trata-se de um aspecto que, embora não discutido, é pressentido como afirma Sodré e Ferrari (1986) quanto à relação entre notícia e reportagem: “As vezes, as



fronteiras entre os gêneros se tornam tênues, principalmente quando as notícias trazem as informações contextualizadas.”(SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 32).

Chaparro (1998) traz gêneros inovadores, decorrente da interação que os meios de comunicação estão oferecendo ao seu público. Procurando sistematizar os pontos de vista de autores referenciais, Campos (s/a.) apresenta um quadro para expor as principais idéias por eles defendidas.

LUIZ BELTRÃO	JOSÉ MARQUES DE MELO	MANUEL CHAPARRO
1. jornalismo informativo - notícia - reportagem - história de interesse humano - informação pela imagem 2. jornalismo interpretativo - reportagem em profundidade 3. jornalismo opinativo - editorial - artigo - crônica - opinião ilustrada - opinião do leitor	. jornalismo informativo - nota - notícia - reportagem - entrevista 2. jornalismo opinativo - editorial comentário - artigo - resenha - coluna - crônica - caricatura - carta	1. comentário 1.1 espécies argumentativas - artigo - crônica - cartas - coluna 1.2 espécies gráfico-artísticas - caricatura - charge 2. relato 2.1 espécies narrativas - reportagem - notícia - entrevista - coluna 2.2 espécies práticas - roteiros - indicadores - agendamentos - previsão de tempo - cartas-consulta - orientações úteis

Fonte: Campos (s/a.)

Quadro 1 - Classificação dos gêneros no Brasil

Seixas (2004 *apud* COSTA, s.a.) aponta como critérios de classificação de gênero, características como a separação entre a forma, o conteúdo, os temas e a relação do texto com a realidade. Seixas (2004 *apud* COSTA, s.a.) segue afirmando que a intencionalidade do autor em opinar, informar, interpretar e entreter, também influencia muito na opção de gênero a ser exposto no texto. Em contrapartida, Bonini (2003 *apud* COSTA, s.a.) explicita que as distinções dos gêneros não aparecem de forma muito clara. Mas, explica que gêneros relacionados a uma prática empírica, como a notícia e a reportagem, representam categorias mais localizáveis.



Porém, muitos acabam não sendo tão identificáveis assim – como, por exemplo, a história em quadrinhos, a propaganda empresarial e as histórias de interesse humano. A suíte, assim como as citadas anteriormente, poderiam se tornar um gênero, mas na maioria das vezes, corresponde somente como uma complementação de notícias publicadas anteriormente, não sendo considerada um gênero, e sim uma forma de contextualização (BONINI, 2003).

Diante do tema classificações, Kindermann (2003 *apud* COSTA, s.a.) e Figueiredo (2003 *apud* COSTA, s.a.) defendem o gênero reportagem como sendo desvinculado do gênero informativo. Mas, mesmo concordando nesse aspecto, Kindermann (2003) faz a sua classificação diante da seguinte ordem: gênero reportagem, que se subdivide em três itens: reportagem de aprofundamento da notícia, reportagem a partir da entrevista e reportagem de retrospectiva (*apud* COSTA, s.a.).

Figueiredo (2003) faz o seu embasamento partindo do gênero da nota jornalística, que se subdivide em nota noticiosa, nota comentário e nota relatada. A discordância diante da temática dos gêneros jornalísticos é tamanha, de tal forma que fica fácil justificar o porquê a maioria dos autores acabam privilegiando assuntos mais práticos. Coletar informações, o relacionamento com as fontes e a composição de um jornal acabam sendo temáticas mais bem definidas e estruturadas do que a definição da notícia por seu gênero. E, não importa em qual meio as atividades jornalísticas serão veiculadas, o enfoque sempre acaba mais no formato predisposto da linha editorial em que o jornalista trabalha do que na forma com a qual ele define seu texto.

Uma importante discussão também deve ser feita no que se refere ao gênero jornalístico e o formato. Partindo-se do fato de que o formato está intimamente ligado ao meio técnico pelo qual vai circular a mensagem e o conteúdo, é possível afirmar que determinados gêneros são mais bem exercidos em determinados formatos. Isto é, a TV permite que o gênero interpretativo se desenvolva com mais amplitude, uma vez que será possível usufruir mais de um sentido do homem.

Mesmo diante dos mais variáveis formatos como TV, rádio, jornal, revista, internet, os três principais gêneros jornalísticos são: informativo, interpretativo e opinativo. No rádio, eles tomam formas específicas, adequando-se às características do veículo. Ferraretto (2001) explica como os gêneros jornalísticos se manifesta no rádio:

Retrata o fato com o mínimo de detalhes necessários a sua compreensão como notícia. Por se adaptar às necessidades de concisão do texto radiofônico, é o gênero preponderante no noticiário. Aparece,



também na maioria dos boletins, embora estes tendam, pela adição da impressão pessoal do repórter, a invadir o terreno do jornalismo interpretativo. (FERRARETTO, 2001, p. 201).

O jornalismo no rádio surgiu como uma prestação de serviço: eram informações curtas, que provinham dos jornais impressos e eram, em seguida, lidas no ar. Lopez (2009) comenta como surgiu o radiojornalismo no Brasil:

A primeira aparição do jornalismo no rádio brasileiro aconteceu na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Edgar Roquette-Pinto, considerado o pai do veículo no país, apresentava o *Jornal da Manhã*, de segunda a sexta-feira. Não havia, como hoje, reportagens de campo, ritmo acelerado de produções e um volume intenso de informações. O programa era integralmente produzido por Roquette-Pinto, que, com seu famoso lápis vermelho, marcava nos jornais fatos interessantes ou curiosos e lia-os no ar, seguindo o modelo de jornal falado, que depois seria reproduzido em larga escala no rádio brasileiro. (LOPEZ, 2009, p. 468).

Lopez (2009) contribui expondo a disposição de Roquette Pinto a desenvolver o rádio. O setor jornalístico, no entanto, demorou a se solidificar. Muitos problemas econômicos e técnicos atrapalhavam ainda a sua expansão. Mas, mesmo sem superar as dificuldades, o radiojornalismo passou a se desenvolver através do “Repórter Esso” que, aos poucos, garantiu uma grande audiência, sendo uma fonte de informação segura e de credibilidade. O “Repórter Esso” revolucionou a forma de fazer rádio no Brasil, vez que oferecia textos adequados, buscando a objetividade e atualizações das informações. O repórter Esso conquistou a audiência e acabou se tornando o programa de informação mais popular do rádio. Ia ao ar em horários exatos e tinha a duração de cinco minutos (KLÖCKNER, APUD LOPEZ 2009). Lopez complementa:

A experiência na síntese noticiosa estimulou e capacitou o principal apresentador do programa, Heron Domingues, a criar, no final da década de 40, a primeira redação radiojornalística brasileira, a Seção de Jornais Falados e Reportagens da Rádio Nacional (MOREIRA, 1991), com hierarquia, funções e rotinas para os jornalistas. A partir de então, o jornalismo radiofônico brasileiro adaptou-se, assim como o rádio brasileiro, iniciando o processo de radiomorfose (PRATA, 2008), uma constante na história deste meio de comunicação. (LOPEZ, 2009, p. 469)

Com a estruturação do radiojornalismo e com o aumento da audiência, as empresas passaram a se interessar em fazer anúncios, o que deu um resultado satisfatório e rápido, que foi revertido em lucro. O governo também passou a colaborar,



buscando bases econômicas mais sólidas ao rádio, que poderia ser definido como “serviço de interesse nacional de finalidade educativa”. Porém, a publicidade no rádio influenciou diretamente na produção de seu conteúdo, que saiu do educacional para entrar no âmbito do popular, voltado ao entretenimento. Neste momento, o rádio perde o seu formato de origem, que nasceu como um empreendimento de intelectuais que objetivavam a cultura e a educação, para se tornar algo mais superficial e agradável para a maioria. Desta forma, a programação se expandiu oferecendo diferentes gêneros e abordagens, o que despertou o interesse dos ouvintes.

Rabaça e Barbosa (1987 apud Ferraretto 2001) especificam que a maioria das rádios oferece aos seus ouvintes programas de entretenimento, educação e informação. Porém, observam que essas temáticas passaram a ser apresentadas em outros formatos como noticiários, mesas redondas, informações de utilidade pública, programas humorísticos, musicais, radionovelas, narrações de jogos de futebol, entrevistas, entre outros. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 87,9% dos lares brasileiros possuem ao menos um aparelho. Já pesquisa realizada pelo instituto IBOPE (2009) mostra que a programação do rádio no Brasil é bem diversificada, contendo programas de diversos estilos. No entanto, os noticiários, em especial os locais, ainda têm a preferência do ouvinte.

Programação Vert%	Rádio AM/FM - 7 dias
Noticiários locais	47%
Noticiários nacionais	39%
Notícias de trânsito	31%
Notícias do tempo	30%
Noticiários internacionais	28%
Notícias policiais	28%
Entrevistas/ Programas falados	24%
Esportes - (Comentários)	18%
Esportes - (Ao vivo)	17%
Comédia/ Humorísticos	12%
Outros tipos de programas	12%
Conselhos/ Opiniões	11%
Radionovelas	3%

Fonte: IBOPE, 2009

Figura 2 – Programação do rádio brasileiro



Diante dos dados expostos e da afirmação dos autores, fica claro observar como os gêneros jornalísticos se manifestam nas rádios de diferentes formas. As programações se expandiram visando criar uma proposta mais diferenciada e envolvente, ganhando desta forma a fidelidade do seu ouvinte e conseqüentemente dos publicitários. Os gêneros jornalísticos foram grandes ferramentas que colaboraram para um radiojornalismo mais dinâmico. Com o desenvolvimento do rádio, as emissoras também passaram a se qualificar, cabe especificar que toda rádio antes de começar a trabalhar deve optar por um determinado perfil, que irá refletir nos seus objetivos, formato e programação.

Existem três tipos de emissoras de rádio: a comunitária, a educativa e a comercial. Todas elas trabalham para levar informação e entretenimento, porém cada uma propõe um serviço distinto e tem regulamentos, público-alvo e técnicas diferentes. Uma rádio comunitária não tem fins comerciais e tem por objetivo principal atender pequenas comunidades para fazer com que elas se unam e se fortifiquem. As rádios comunitárias são freqüentemente utilizadas em aldeias, distritos, vilas e favelas. Ferraretto (2001) explica como as emissoras comunitárias passaram a ser legalizadas:

Em 20 de fevereiro de 1998, com a lei n* 9.612, as rádios comunitárias passaram a ter existência legal. Operando em freqüência modulada, com transmissores de baixa potencia (até 25 watts) e antenas não superiores a 30 metros de altura, estas emissoras devem atender a comunidade onde estão instaladas, difundindo idéias, elementos culturais, tradições e hábitos locais, além de estimular o lazer, a integração e o convívio, prestando ainda serviços de utilidade pública (FERRARETO, 2001, p. 50).

A rádio educativa, por sua vez, destina-se a atender exclusivamente entidades dos setores da educação e cultura e por isso está, na maior parte das vezes, ligada às universidades e também não tem fins comerciais. Sua programação é baseada em programas culturais que visam levar conhecimento aos seus ouvintes. Ferraretto (2001) explicita que as rádios educativas são mantidas pelo governo estadual ou municipal e são constituídas com a finalidade totalmente focada na educação, tendo como apoio uma universidade. Em contrapartida, a rádio comercial é privada. Sua programação é repleta de anúncios, músicas, programas humorísticos e informação de modo geral. Seu objetivo é promover as empresas patrocinadoras e levar entretenimento aos ouvintes, oferecendo brindes e fazendo promoções para interagir com eles. Ferraretto (2001)



complementa dizendo que essas emissoras têm como objetivo a lucratividade e representam uma grande parcela do rádio brasileiro, acarretando a si a maior quantidade de ouvintes. O autor finaliza sua comparação entre os tipos de emissoras, explicando quem mantém as rádios comerciais:

Aos programas, associam-se os espaços publicitários, constituindo no seu conjunto o produto oferecido pelo rádio difusor, ou seja, pelo empresário responsável por este tipo de empreendimento. Estas emissoras possuem dois tipos de clientes: os ouvintes, que com sua audiência, se tornam consumidores em potencial, e os anunciantes, interessados em atingir com suas mensagens um número grande de pessoas. É com base nesta realidade que a emissora, por meio da programação e das ações do seu departamento comercial em busca de patrocínio, irá se posicionar no mercado (FERRARETO, 2001, p.46).

O autor segue expondo as peculiaridades que envolvem cada estilo de rádio visando fazer uma análise comparativa entre elas. Esses estudos são importantes, pois, os ouvintes, assim como o público de todos os outros meios de comunicação, estão ficando mais exigentes. Desta forma, estão procurando uma identificação maior com os produtos comunicacionais que pretendem usufruir, tendo preferência por aqueles que oferecem mais interação.

Método

Essa pesquisa realizou uma experimentação visando verificar e analisar os gêneros jornalísticos praticados em duas rádios no interior do estado de São Paulo, mais especificamente na cidade de Bauru. Foram selecionados os dois principais jornais das rádios 94 FM⁴ (comercial) e Veritas FM⁵ (educativa), visando fazer uma comparação entre eles com fins de pesquisa quanto aos gêneros jornalísticos por elas praticados. Para isso, nosso recorte privilegiou os programas jornalísticos dessas rádios especificadas, que são as mais populares na cidade, levando em conta a sua principal característica de perfil, uma educativa e outra comercial. As gravações foram feitas no dia 24 de maio de 2011. A escolha do dia se deu de forma aleatória. A análise de conteúdo foi organizada da seguinte maneira: foram selecionados dois jornais

⁴ Frequência: 94,5 FM – Bauru / SP

⁵ Frequência: 102,7 FM – Bauru / SP



radiofônicos de cada emissora. Desses 4 jornais, foram selecionadas 4 matérias (uma de cada radiojornal), visando uma análise comparativa para alcançarmos o resultado da pesquisa aqui proposta.

Apresentação dos Resultados

A Matéria 1 da 94 FM foi apresentada no jornal radiofônico “Informason” e aborda o tema queimadas/meio ambiente. Teve como entrevistado o soldado Leandro Marcomini. Já a matéria 1 da Rádio Veritas FM aborda o tema “Campanha do agasalho 2011 em Bauru” - e foi transmitida no jornal radiofônico “Notícias da Tarde” contando com a participação da secretária do bem estar social Darlene Tendolo.

A matéria 2 da 94 FM foi selecionada do programa “94 notícias” em que a apresentadora Maria Dalva Hatore falou e fez comentários críticos sobre o posicionamento do Presidente da Câmara Municipal de Bauru, o Pastor Roberval Sakai⁶. A matéria 2 da Veritas FM foi selecionada do programa radiofônico “Jornal Brasil Hoje”. A notícia expõe a preocupação do Governador Geraldo Alckmin em querer uma apuração sobre a ação da polícia militar durante protesto na Avenida Paulista.

	Tempo	Interesse	Conteúdo Entrevista	Temas	Formas de abordagem	Gênero jornalístico
Matéria 1 94 fm	2 min 10 seg.	Local	soldado Leandro Marcomini	Queimadas / meio ambiente	Narrativa jornalística explicativa	Interpretativo
Matéria 1 Veritas fm	2 min e 39 seg.	Regional	Secretária do Bem estar Social Darlene Tendolo explicativo	Campanha do agasalho	Narrativa jornalística informativo Explicativo otimista	Informativo
Matéria 2 94 fm	3 min e 53 seg	Local	Não há	Política em Bauru	Narrativa jornalística Informativo Crítico pessimista	Opinativo
Matéria 2 Veritas	2min e 50 seg	Nacional	Geraldo Alckmin opinativo	Polícia Militar em São	Narrativa jornalística informativo	Informativo

⁶A polêmica que se fez em torno deste caso diz respeito ao posicionamento do vereador com relação ao assunto mudança do prédio legislativo para a NOB e proposta de inserir no calendário oficial do município o dia da Assembléia de Deus em Bauru.



fm				Paulo	Cobrança	
----	--	--	--	-------	----------	--

Fonte: tabela elaborada pelas autoras

Por meio da tabela, é possível perceber que as notícias selecionadas traduzem as características da linha editorial das rádios aqui analisadas. É importante notar que a primeira matéria aqui estudada possui âmbito local, ou seja, é de interesse das pessoas que residem em Bauru. O tema é desenvolvido com base nas informações passadas pela repórter Rosana Poli, seguida de informações dadas por uma fonte credível - soldado Leandro Marcomini. Na entrevista, além de falar sobre as queimadas, o entrevistado aprofunda o tema das penalidades previstas para quem for pego ateando fogo em matas.

Pelas suas características gerais, é possível classificar a matéria como pertencente ao gênero interpretativo que, de acordo com Beltrão (1980) pode ser exemplificado através de reportagens aprofundadas. A matéria 1 da rádio Veritas FM que é de interesse regional, aborda o tema “Campanha do Agasalho”. Contando com a entrevista da secretária do bem estar social Darlene Tendolo que informa a população de Bauru e região sobre como colaborar com a campanha. A notícia pode ser classificada como pertencente ao gênero informativo, assim como a matéria 2 da mesma emissora (Veritas FM) que tem âmbito nacional e conta com a entrevista do Geraldo Alckmin. Ambas pertencem ao mesmo gênero e, para Melo (2003), o gênero informativo também pode se manifestar como notas e as entrevistas complementam as informações, como pode ser observado nas notícias especificadas. Já a notícia 2 da 94 FM que aborda assuntos políticos da Câmara municipal de Bauru, tem comentários opinativos, na qual a apresentadora Maria Dalva Hatore expõe a sua opinião claramente contra o posicionamento do presidente da Câmara Roberval Sakai. Esta matéria se classifica através do gênero opinativo que, de acordo com Chaparro (1998), informação e opinião caminham juntas.

Considerações finais

A proposta de análise comparativa entre duas rádios de perfis diferentes, nasceu de um projeto feito na rádio 94 FM, acompanhando o programa de rua “Blitz 94 fm” e de um estágio realizado através de um projeto de extensão que esta discente



desenvolveu junto com o apresentador e responsável pela Rádio Veritas Reginaldo Viana. Tendo a oportunidade de participar das duas rádios ao mesmo tempo, foi possível perceber suas características e diferenças, o que despertou o interesse sobre assunto. Esta discente possui uma paixão particular pelo rádio, sendo que, para ela, o veículo nunca foi apenas um meio de comunicação e sim um companheiro fiel.

No decorrer dessa experimentação, foi possível perceber que mesmo diante de tantas inovações tecnológicas, o rádio continua tendo o seu lugar. Vale a pena ressaltar a máxima defendida por McLuhan de que os meios de comunicação não se excluem, mas se complementam. Nesse sentido é importante destacar que os meios não são excluídos das transformações, uma vez que a relação existente entre a sociedade e os meios de comunicação é de natureza dialética.

O que buscamos verificar nesse trabalho foi como as notícias podem ser diferentemente estruturadas em função dos veículos para quais são produzidas. Além disso, quando falamos do mesmo meio de comunicação (o rádio), nosso desafio torna-se ainda maior, pois a estrutura da notícia é a mesma mais a forma de abordagem depende da linha editorial adotada pelo meio de comunicação. Focamos aqui duas diferentes rádios de Bauru: 94 FM e Veritas FM. A primeira é uma rádio comercial, enquanto a segunda é uma rádio educativa. As notícias veiculadas em seus radiojornais foram selecionadas e analisadas segundo os seguintes critérios: Tempo, interesse, conteúdo da entrevista, temas, formas de abordagem e gêneros jornalísticos.

Por meio da construção da tabela, foi possível constatar que essas emissoras têm os seus públicos muito bem definidos. Embora a abrangência de ambas seja semelhante, a estrutura das notícias veiculadas são diferentes.

A Rádio 94 FM destaca-se por seu conteúdo jornalístico local; seus radiojornais são focados na realidade bauruense e existe uma preocupação em abordar os assuntos sob diferentes aspectos. Percebemos que as notícias veiculadas por esta rádio podem ser informativas/interpretativas e também opinativas. A 94 FM cumpre uma função social de extrema importância ao veicular notícias que traduzem a realidade bauruense.

A rádio Veritas, por sua vez, também cumpre o seu papel social ao oferecer ao ouvinte um jornalismo mais eclético, ao mesmo tempo em que também esta conectado a realidade de Bauru. Importante observar que a rádio Veritas transmite uma opção rara no radiojornalismo bauruense: um jornal radiofônico com notícias de todo o Brasil. O gênero informativo é predominante e pode-se perceber que as entrevistas também são mais longas.



Sabemos que a rádio 94 FM, por ser comercial depende da veiculação de anúncios, razão pela qual seus intervalos são mais longos. Essa situação, no entanto, não se repete com a Rádio Veritas que tem natureza educativa. Ao final desse trabalho percebemos que as duas rádios cumprem sua função de diferentes maneiras, sem, contudo, deixarem de atender ao público da cidade.

Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BELTRÃO, L. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI – Cátedra Unesco Metodista de Comunicação: Edições Ominia, 2006.
- BONINI, Adair. **Projeto gêneros do jornal**: as relações entre gênero textual e suporte. Florianópolis, 2002. Texto inédito, base de projeto desenvolvido na UNISUL. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/adbonini/projet.htm>>. Acesso em: 26 mai. 2011.
- COSTA, L. **Jornalismo Brasileiro**: a teoria e a prática dos gêneros jornalísticos dos 5 maiores jornais do Brasil. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/10/GT4-_17-_Jornalismo_brasileiro-_Lailton.pdf. Acesso em 22 mai 2011
- ERBOLATO, Mário. **Deontologia da comunicação social**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil**: desvendando as variantes do gênero. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, 2003.
- SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica**. Maceió: Edufal, 2005
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- KLÖCKNER, L., PRATA, N. (orgs.) **História da mídia sonora**: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como Extensões do Homem**. editora Cultrix São Paulo, 3. ed. Publicado nos Estados Unidos em 1934.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto a venda. São Paulo: Editora Summus, 1988.
- MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. v.1.



MELO, J. M. **Comunicação: Teoria e política.** São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PRADO, Emílio. **A estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus 1989.